

“Indefinição sobre taxa de juros impede a retomada de investimento”

por Thales Guaracy
de São Paulo

O governo precisa definir sua política industrial com “urgência”, de acordo com o professor da Fundação Getúlio Vargas e redator-chefe da Carta de Conjuntura, Paulo Rabello de Castro. O fechamento do mercado brasileiro ao capital estrangeiro e a indefinição de regras para as taxas de juros de financiamentos a longo prazo estão impedindo a retomada dos investimentos pesados no País, mesmo depois da implantação do plano de estabilização econômica, disse ele.

“O Brasil não tem estrutura de financiamento a longo prazo”, afirmou Castro. “Por essa razão, o governo precisa sinalizar o mercado com regras para estabelecer taxas de juros que permitam o financiamento de projetos de quatro a seis anos.”

O economista também defendeu o estímulo à entrada do capital de risco estrangeiro e o aumento das importações. “Não podemos prescindir do capital estrangeiro para municiar o País de recursos de investimento”, afirmou. “Mas para isso é preciso definir uma política industrial, que hoje não passa de uma ameaça de reserva de mercado.”

Segundo Castro, a dificuldade de aprovação de projetos com participação de capital estrangeiro na área de informática, mesmo atendendo ao limite de 30% previsto na lei, é “uma postura míope de setores nacionalistas conservadores”. Segundo ele, o Brasil não tem condições de sustentar, sem a formação de uma elite intelectual, o desenvolvimento tecnológico em áreas de modernização constante. “Além disso, convidando o capital estrangeiro a participar de projetos brasileiros, estaremos evitando que aumente a necessidade de tomar empréstimos no exterior a taxas de juros flutuantes, que levam a dívida



Paulo Rabello de Castro

externa a condições de pagamento insuportáveis.”

Em relação ao financiamento interno dos investimentos a longo prazo, pondera Castro que até mesmo o órgão que originalmente deveria incentivar o empresariado se voltou para outros setores. “O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) perdeu o rumo de casa”, disse. “Passou a direcionar suas atividades para investimentos na área social.”

Para Castro, o setor privado não deve esperar medidas do governo, como o controle do déficit público, para iniciar os investimentos pesados. “Todos sabem hoje que é melhor investir no aumento da produção que no mercado financeiro, mesmo com uma remuneração de 6% ao ano. Por isso, é lamentável que a maior parte das empresas ainda não faça planos de investimento de cinco ou seis anos, porque hoje existem todas as condições para isso.”

Castro acredita que a “saída natural” a curto prazo será a busca de recursos no mercado de capitais. Para iniciar a alavancagem de novos projetos, as empresas devem utilizar, em boa parte, seus recursos próprios. “Até hoje, o reinvestimento do lucro retido pelas empresas foi suficiente, em muitos casos, para os investimentos.”